

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## O FANTASMA DE ZABUT

Antonella Maggio  
(Tradução de Fernando Santoro,  
apresentação Rossella Sietta Cottone e Paolo Mannina )

Tradução do original, gentilmente autorizada pela família da Autora:

MAGGIO, Antonella, *Il Fantasma di Zabut*, Salvatore Estero Editore, Sciacca, 2017.

Antonella Maggio (1963-2019) nasce em Sambuca de Sicília, antes chamada Zabut, no seio de uma família de camponeses comunistas. O pai participara da ocupação das terras dos latifúndios sicilianos nos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial. Desde menina, Antonella recebia uma educação política rigorosa na qual a terra, as batalhas contra a exploração dos camponeses nos latifúndios, as lutas sindicais, a justiça, a educação democrática, a instrução, são valores fundamentais.

Eram anos em que as reivindicações da população camponesa de Sambuca nasciam espontaneamente e de baixo, e a vida política organizava-se nos pátios, onde à noite, após o trabalho dos campos, as pessoas se reuniam em comícios e assembleias, junto às famílias de todo o povoado. Uma política que nutria-se dos humores e do descontentamento colhido porta a porta. Uma práxis e uma teoria, feita de suor, de terra, de aspiração a uma sociedade mais justa e de um profundo sentido da dignidade humana.

A partir destes valores, Antonella constituirá a base do seu compromisso civil e político, da sua linguagem franca e sincera, do seu entusiasmo oratório, decisivo e agudo, que inflamará as almas nas assembleias do partido e alimentará os ideais democráticos das novas gerações sambucences. Certa do papel fundamental da educação na formação do indivíduo, Antonella dedicará grande parte da sua vida ao ensino nas escolas primárias. Ela participará também de numerosas batalhas em prol dos direitos civis e da igualdade de gênero no âmbito social e político.

O fantasma de Zabut é mais do que uma fábula, pois não pertence ao repertório da cultura oral de Sambuca nem às tradições do folclore siciliano. É um conto civil, um mito fundador sobre o nascimento de uma sociedade democrática e antifascista, idealmente localizada no coração do Mediterrâneo. Não é por acaso que esta fábula veio à luz precisamente no momento em que as políticas migratórias implementadas pela governança europeia, e as conseqüentes derivas nacionalistas, exigiam a rejeição dos migrantes que chegavam em Lampedusa e na Sicília, negando-lhes os direitos humanos fundamentais consagrados na Convenção de Genebra.

O pequeno príncipe Al Zabut, protagonista da fábula, percorre todo o Mediterrâneo, como um novo Odisseu, antes de desembarcar na ilha do acolhimento, onde optará por fundar uma nova sociedade sobre os pilares da educação, da democracia e da pluralidade cultural.

Paolo Mannina e Rossella Sietta Cottone.

Maggio, Antonella (Trad. Fernando Santoro, Apres. Rossella Sietta Cottone e Paolo Mannina)  
*Il fantasma di Zabut / O fantasma de Zabut*

Antonella Maggio (1963-2019) nasce a Sambuca di Sicilia, già Zabut, da una famiglia di contadini comunisti. Il padre aveva partecipato all'occupazione delle terre dei latifondi siciliani negli anni immediatamente successivi alla Seconda guerra mondiale. Fin da bambina Antonella riceve un'educazione politica rigorosa in cui la terra, le battaglie contro lo sfruttamento dei contadini nei latifondi, le lotte sindacali, la giustizia, l'educazione democratica, l'istruzione, sono dei valori fondamentali.

Erano anni in cui le rivendicazioni della popolazione contadina di Sambuca nascevano spontaneamente e dal basso e la vita politica si organizzava nei cortili, dove la sera, dopo il lavoro dei campi, ci si radunava nei comizi e nelle assemblee, dinanzi alle famiglie di tutto il paese. Una politica che si nutriva degli umori e dello scontento raccolti porta a porta. Una prassi e una teoria, fatta di sudore, di terra, di aspirazione ad una società più giusta e di senso profondo della dignità umana.

Di questi valori Antonella farà la base del suo impegno civile e politico, del suo linguaggio franco e schietto, della sua foga oratoria, decisa e acuta, che infiammerà gli animi nelle assemblee del partito e alimenterà gli ideali democratici delle nuove generazioni sambucesi. Certa del ruolo fondamentale dell'educazione nella formazione dell'individuo, Antonella dedicherà gran parte della sua vita all'insegnamento nelle scuole elementari. Si impegnerà inoltre in numerose battaglie per i diritti civili e per l'uguaglianza di genere in ambito sociale e politico.

Il fantasma di Zabut è qualcosa di più di una fiaba, in quanto non appartiene al repertorio della cultura orale di Sambuca né alle tradizioni del folklore siciliano. E' un racconto civile, un mito di fondazione sulla nascita di una società democratica e antifascista, idealmente situata nel cuore del Mediterraneo. Non a caso questa fiaba ha visto la luce nel momento stesso in cui le politiche migratorie messe in atto dalla governance europea, e dalle conseguenti derive nazionaliste, imponevano di respingere i migranti che approdavano a Lampedusa e in Sicilia, negando loro i diritti umani fondamentali sanciti dalla Convenzione di Ginevra.

Il principino Al Zabut, protagonista della fiaba, percorre tutto il Mediterraneo, novello Odisseo, prima di approdare nell'isola dell'accoglienza, dove sceglierà di fondare una nuova società sui valori dell'educazione, della democrazia e della pluralità culturale.

Paolo Mannina e Rossella Sietta Cottone.

## O FANTASMA DE ZABUT

Antonella Maggio  
(Tradução de Fernando Santoro)

[p. 9]

Era uma vez...

...e ainda é, numa aldeiazinha fascinante e belíssima com casas cor de ocre, gatos de ferro fundido, grandes carvalhos, oliveiras, amendoeiras floridas, trigo dourado, vinhas verdes e um laguinho com muitos peixinhos, pererecas e sapinhos, uma estradinha chamada “Rua Fantasma”.

A rua é estreita que só, bem pequenina, e se insinua entre as casas de um bairro árabe chamado “Os Sete becos”. Sete porque sete foram as razões que levaram o Emir árabe Al Zabut a empreender uma viagem especial em busca de novos espaços e de um tesouro magnífico. O tesouro perdido era uma arca mágica que tinha sido roubada por um mágico malvado: esta arca mágica, encantada e belíssima continha uma pedrinha que se chamava e ainda chama “Liberdade”!

Queridas crianças, a história podia começar assim, mas por mil e uma razões ela começa em outro lugar, num longínquo lugar do outro lado do mar, onde vivia o pequeno príncipe Al Zabut.

A sua família morava numa fantástica aldeia cheia de oásis, de palmeiras, de camelos e dromedários, com castelos e caravancherais. Em suma, uma espécie de paraíso terrestre, com muitos amigos simpáticos, jovens e adultos, que o <sup>[p. 10]</sup> divertiam e o mantinham sempre de bom humor.

Mas assim que podia, o pequeno Al Zabut ia para o aposento mais alto do seu castelo de pedras vermelhas e olhava para o mar, tomado de uma grande alegria, mas também de uma vontade de chorar. Ele, porém, não sabia exatamente do que se tratava e porque se sentia tão estranho.

Todo dia, olhando para o mar, ele imaginava lugares inexplorados e belíssimos para alcançar e projetava navios e galés, canoas e saveiros, jangadas, balsas e mil outras embarcações que iriam levá-lo a viajar, explorar e conhecer, até que ele percebeu que tinha um grande desejo de se mover e descobrir o mundo. Tristeza e felicidade juntos!

Os dias passavam lentamente e as horas pareciam muitas vezes prolongar-se em desmedida, até ao dia em que o pequeno Emir tomou uma sábia decisão: “Basta! Em dois meses eu parto, vou-me embora por mar e por terras distantes”. E assim fez depois de longos e árduos preparativos.

[p. 11]

As corajosas e os corajosos companheiros determinados a partir com Al Zabut foram poucos no início, mas o seu entusiasmo e a sua tenaz insistência a cada dia conquistavam outros que queriam compartilhar com ele a nova e maravilhosa aventura.

Chegado o sexagésimo dia, Al Zabut reuniu um grupo de amigas e amigos, companheiras e companheiros e disse-lhes o mais belo discurso de que todos se lembravam: “Minhas queridas amigas, meus queridos amigos, agora que somos cerca de trezentos, podemos partir. Temos sete razões para fazê-lo:

- conhecer lugares desconhecidos;
- explorar;
- aprender com os outros;
- se misturar com os outros;
- ensinar e aprender novas práticas de liberdade;
- o mundo é de todos e queremos sair para descobrir lugares e povos diferentes;
- nada e ninguém há de nos parar!”

[p. 12]

Dito isso, começaram a carregar os navios e, ao ouvir o grito “Partir”, os navios zarparam.

Pouco a pouco a terra se afastava num silêncio interrompido apenas pelo rumor ritmado dos remos contra a água. Depois de três dias de navegação, sob um sol a pino e uma brisa quente, um recorte de terra se avistava no horizonte.

O Emir empunhou a sua luneta azul e gritou: “Avante à terra!”.

Enquanto os remos deixavam uma trilha de espuma suave e branquíssima, a tripulação, refrescada com grandes leques pelos ajudantes, cantava um refrão festivo sobre a ponte.

A ilha parecia selvagem e misteriosa, com praias de areia finíssima que tingia de verde a água, com muitas grutas coloridas de onde saíam sons e música. No céu bandos de majestosas gaivotas brancas saudavam a chegada do Emir enquanto as tartarugas Tag e Tug na praia salteavam, devagar devagarinho, de alegria.

[p. 13]

A mesma coisa aconteceu na ilhota dos coelhos onde o príncipe Pelofo tinha preparado com a tribo dos coelhos Pelofinhos e com a coelha Pelofofa um bolo gigante decorado com acerolas e moranguinhos vermelhos.

Caiu lentamente a noite e era como se todas as cores do mundo tivessem marcado um encontro naquele canto do paraíso. Lampuga era o nome da ilha e foi assim que, tendo lançado as âncoras, o pequeno povo do Emir comeu e bebeu alegremente com os lampuganos.

Depois de cantar e dançar, todos juntos adormeceram, embalados pelo ventinho quente e acariciados pelos sopros dourados da brisa. E juntos sonharam. Em cima deles um imenso céu estrelado, em volta deles o aconchego da mágica melodia do mar.

No dia seguinte, delegações de tartarugas e coelhos lampuganos mostraram ao Emir as belezas da ilha e disseram ao homenzinho vindo do mar que ele podia <sup>[p. 14]</sup> escolher o rochedo mais alto e seguro para construir a sua casa... e viver com os habitantes da ilha com alegria e em paz.

O príncipe começou a trabalhar, enquanto todos o ajudavam festivamente a construir pipas que as gaivotas levavam para o oeste, colorindo o céu azul-turquesa com mil cores.

Passaram dias a contar histórias e lendas uns aos outros, pairando por objetos e pedras, conchas e plantas. Semanas e meses brincando de pique-pega e pique-esconde e coletando pedrinhas que pareciam olhos de peixe e tecendo colares coloridíssimos. A festa em Lampuga parecia nunca acabar. Mas dali a pouco Al Zabut voltou a sentir aquele seu desejo de viajar e as lágrimas voltaram a bater forte: então ele decidiu que tinha chegado a hora de partir para um novo destino.

Alguns lampuganos partiram com ele, outros ficaram na ilha. E assim, de um dia para o outro, os dois navios voltaram a sulcar o mar. No horizonte só se vislumbrava um filete de fumaça, depois devagarinho a ilha <sup>[p. 15]</sup> negra se mostrou aos seus olhos, pequena e exuberante, rica em bromélias e palmeiras anãs, flores de alcaparras e lavanda, num resplendor de cores.

Na ilha Negra os barcos mal conseguiram atracar porque os recifes eram pontiagudos e afiados e, enquanto os peixes coloridos, polvos, garoupas e atuns aplaudiam, um grupinho de tainhas se estendeu na água como um extraordinário tapete vermelho para acolher o cortejo.

O príncipe e a tripulação despreocupada, saltando sobre as pedras afiadas, desceram dos navios e dirigiram-se para a pequena aldeia localizada aos pés de um vulcão crepitante.

Al Zabut e os outros decidiram parar nesta pérola Negra no meio da água, enquanto Polipão, o polvo gigante com seu roupão de bolinhas, os convidava do mar para se divertirem com os burricos Billy e Túlia que ali viviam.

[p. 16]

A burrica cinza, Túlia, organizou uma festa e todos os outros burricos começaram a dançar enquanto o sol batia e o topo da montanha fumegante entoava com crepitações uma música serena.

Na Ilha Negra, o príncipe e os outros começaram a construir casinhas pequeninas e coloridas: azuis, amarelas, vermelhas com caixilhos de portas e janelas multicoloridas, buganvílias e flores de alcaparras, figos da índia, uvas zibibbo e lírios brancos. À noite, eles comiam sopas de sementes dulcíssimas que eles chamaram de "lentilhas" e um creme branco doce ou salgado chamado ricota, e depois queijo fresco e leite recém ordenhado das cabritinhas... e assim o tempo passava lentamente e ao pequeno príncipe voltava aquela saudade de partir outra vez e retomar a navegação.

Assim, depois de alguns meses, decidiram que tinha chegado a hora de pôr-se ao mar: também desta vez alguns dos companheiros do Emir ficaram e outros novos amigos tomaram os seus lugares nos barcos e nos saveiros.



[p. 17]

E assim eles retomaram a viagem por dias e dias até que chegaram a uma pequena baía serena e aconchegante e ali ancoraram os navios: eles tinham chegado a Xacca, um bellissimo terraço debruçado sobre o mar. Aqui também uma grande multidão estava pronta para recebê-los, mas desta vez o príncipe agradeceu e pediu cavalos, bonecos e carros. As carroças oferecidas ao pequeno príncipe eram lindas, decoradas com cenas de mil cores, carregadas de frutas e recipientes cheios de uma estranha massa quente e fumegante. Os sábios de Xacca disseram que era uma lama prodigiosa que, espalhada pelo corpo, tornava as pessoas invulneráveis.

Os Zabutenses salpicaram-se com esta argila prodigiosa e imediatamente se sentiram mais fortes, prontos para enfrentar uma viagem cheia de imprevistos. Depois de algumas horas de caminhada atravessaram uma planície com muitas oliveiras, enquanto passavam, porcos-espinhos e raposas douradas apontavam para eles curiosos focinhos e cochichos.

[p. 18]

Quando alcançaram uma descida com pequeninos riachos e córregos, diante de seus olhos, maravilha das maravilhas, mostrou-se uma esplêndida colina verde, com muitas pedras ocre e flores brancas e amarelas de Sabugueiro.

No sopé da colina havia um pequeno lago dourado e cintilante que refletia todas as cores do céu, cercado por juncos, arbustos de amora, bromélias, alecrim, murta, orégano e menta.

O príncipe nunca tinha visto um espetáculo igual, e ele se sentiu deslumbrado e atordoado com tantos perfumes. Depois, através dos campos férteis, chegaram aos pés de uma montanha. Lá eles se entreolharam nos olhos e juntos decidiram parar.

Ninguém vivia ali senão ovelhas, vacas, cabritas barbudas, galinhas, cavalos e javalis, que se reuniram para lhes dar as boas-vindas.

[p. 19]

O clima era muito ameno, uma leve brisa soprava ao redor do pequeno acampamento. Entenderam que era o lugar tão desejado para ficar. Então, todos juntos decidiram construir um castelo, com casinhas e mesquitas ao seu redor, jardins suspensos, aquedutos, fontes com chafarizes de água fresca e caravançerais, em suma, um pequeno lugar de felicidade, com regras democráticas decididas por todos, sem privilégios e injustiças, com muitos direitos, mas também muitos deveres.

Depois de algum tempo, todas e todos se reuniram na praça e resolveram dar um nome à cidade, então, levantando as mãos, votaram e chamaram-na de Zabut. Estavam todos contentes e felizes de festejar a construção de uma nova aldeia. Zabut! Zabut! ...como soava bem.

A nova aldeia cresceu pouco a pouco. Todos viviam tranquilamente e quando surgia algum litígio ou havia algumas opiniões controversas, discutindo e raciocinando juntos, logo encontravam a solução que punha todos de acordo.

[p. 20]

As crianças tinham lindas escolas onde, além de escrever, ler e criar números, construíam, cantavam, desenhavam, brincavam e, sorte das sortes, ninguém levava dever de casa! As professoras e os professores eram gentis e nunca impacientes ou zangados: em suma, um lugar único e especial.

Todas e todos descobriam as maravilhas daquela região: a romã vermelha, figos verdes e pretos dulcíssimos, pequenas maçãs, sorvinhas, amêndoas e pêssegos e ainda muita água que corria de todos os poços fresca e muito límpida, e por toda parte crescia uma planta com folhas largas e gavinhas: uva, muita uva branca, rubra, preta, rosa.

A planta, no mês de maio, começava a oferecer bolinhas douradas e pretas das quais, em <sup>[p. 21]</sup> setembro, saía, com a prensagem, um líquido perfumado chamado vinho, que podia ser misturado com mel e canela para preparar doces para as crianças ou conservado em recipientes de madeira, os barris, que os adultos sorviam e apreciavam em grandes cálices junto aos amigos durante as festas ou em suas conversas nos meses de inverno.

Na primavera eles admiravam as extensões douradas de espigas que ondulavam como o mar e que depois se tornariam grão, farinha e finalmente o pão cheiroso e crocante, polvilhado com uma camada esparsa de gergelim. Os sentidos ficavam atordoados diante de tanta abundância e beleza.

[p. 22]

Passaram-se alguns anos e numa noite feia e tempestuosa, enquanto o vento soprava forte desde a colina que fica atrás da Mucina, com uma rajada tão poderosa que parecia voar, junto com as lufadas do vento, se ouviu o estrondo de coturnos grandes e largos, usados por homens feios e malvados. Infelizmente, naquela noite, junto com a tempestade, chegaram os valentões com seu chefe Cotúrnio, um homem mau, cheio de ganchos e correntes com garras, armas e facões.

Gritando e cantando refrãos ameaçadores, subiram pela rua principal da aldeia e dali seguiram para o castelo de Al Zabut, onde o príncipe estava dormindo.

Sacudiram-no violentamente para acordá-lo, agarraram-no, amarraram-no e arrastaram-no para fora.

O pequeno príncipe gritava aterrorizado, mas ninguém o ouviu.

Não muito longe Cotúrnio procurou uma pedreira, um poço profundo que servia para extrair pedras e, sem dizer uma só palavra, ali jogou Al Zabut e o cobriu com sete pedras. <sup>[p. 23]</sup> Cotúrnio não gostava daquela pequena aldeia pacífica, onde as pessoas escolhiam livremente as regras e decidiam como viver. Por isso queria destruí-la.

Seus homens começaram a gritar, ameaçar e amedrontar os zabutenses e os forçaram a obedecer pela violência às suas leis injustas:

- Aqui mandamos nós
- Não se lê nem se escreve livremente
- Não se fala
- Não se festeja
- Qualquer um que venha a se opor acabará como o pequeno príncipe Al Zabut.

Depois incendiaram o castelo, impuseram o medo e o terror, fecharam as escolas alegres e abriram as escolas tristes cheias de trabalhos de casa. Começaram os castigos, demoliram as mesquitas e cobriram com cortinas pretas as casas, as pinturas, as palmeiras e todos os objetos coloridos.

[p. 24]

As laranjas tornaram-se amargas e as cigarras e os grilos emudeceram junto com os pássaros.

Cotúrnio comandava com uma vara preta e quem se opunha era pisado e surrado de forma selvagem, às vezes até as crianças, só porque riam e brincavam. Cotúrnio também decidiu mudar o nome de Zabut para Fosca-vila-tosca. E ele conseguiu.

Enquanto isso, o pobre fantasminha do príncipe continuava sussurrando junto ao vento: “Rebelai-vos, rebelai-vos!” e esse eco se fazia ouvir mais forte em um dos pequenos becos do povoado: bastava colocar o ouvido fora da janela.

[p. 26]

Meses de trabalho forçado, abusos, espancamentos e maldades. As cidadãs e os cidadãos vagavam cansados e exaustos, as esperanças quase se esvaindo, até que um dia, esgotados e furiosos, os zabutenses finalmente encontraram a força para capturar Cotúrnio e seus homens. Emboscaram-nos aos pés do castelo, capturaram-nos e trancaram-nos nas sete celas da cidade, conseguindo, depois de mil peripécias, libertar-se.

A cidade voltou a se chamar Zabut e, as meninas e os meninos voltaram a ser livres e felizes, as escolas reabriram alegres e despreocupadas e todos, finalmente livres, viveram em amizade, acolhendo e abraçando quem quer que precisasse de um abrigo e de paz.

[p. 27]

Daquele dia em diante e ainda hoje, pelas ruas de Zabut, e sobretudo na rua Fantasma, de vez em quando se ouve a voz do fantasminha, que alegre alça-se pelas ruas da aldeia e corre e se diverte com os zabutenses.

As crianças dizem que é a voz da liberdade. São elas que ouvem, mais do que os adultos, a voz do pequeno príncipe.

Al Zabut, finalmente livre, está feliz em perambular com elas pelas vielas a zombar dos valentões.

Para sempre.

[Recebido em dezembro de 2019; aceito em dezembro de 2019.]